

TRABALHO, LAZER E RELIGIÃO: UMA APROXIMAÇÃO**Recebido em:** 20/07/2015**Aceito em:** 10/03/2016*Luiz Fernando Roscoche*¹Universidade Federal do Pará (Campus Bragança)
Bragança – PA – Brasil

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo buscar uma aproximação entre a trabalho e o lazer e religião, as interações oriundas dessa relação. Para tanto foi realizado uma revisão bibliográfica das concepções de trabalho, lazer e religião na história. Optou-se por dar maior enfoque nas religiões cristãs presentes na sociedade brasileira, em especial o catolicismo e evangélicos. Constatou-se na pesquisa a tendência recente de flexibilização das bases religiosas de modo a atrair a manter o número de fiéis, seja na estratégia de promover cultos mais atrativos, promover atividades de socialização em espaços da própria instituições religiosas. Verifica-se que o lazer pode ser considerado como atividades de resistência ou alteração de costumes sofrendo mudanças no conteúdo de suas práticas. As complexas relações que se estabelecem entre religião, lazer e sociedade podem ou não se materializar no espaço geográfico.

PALAVRAS CHAVE: Trabalho. Religião. Atividades de Lazer. Recreação.

WORK, LEISURE AND RELIGION: AND APPROACH

ABSTRACT: This article aims to seek a rapprochement between work and leisure and religion, interactions resulting from this relationship. Therefore it conducted a literature review of the concepts of work, leisure and religion in history. We chose to focus more on the Christian religions present in the Brazilian society, especially Catholicism and evangelical. It was found in the survey the recent trend of easing religious basis in order to attract keep the number of faithful is the strategy of promoting more attractive services, promote socialization activities in spaces of their own religious institutions. It appears that leisure can be considered as endurance activities or changing customs suffering changes in the content of their practices. The complex relationships established between religion, leisure and society may or may not materialize in the geographic space,

KEYWORDS: Work. Religion. Leisure Activities. Recreation.

Introdução

¹ Mestre em Turismo (UCS). Doutorando em Geografia (UFG/IESA). Prof. da Universidade Federal do Pará (Campus Bragança).

Movimento é talvez hoje um dos conceitos mais discutidos, seja na física, na economia, sociologia, antropologia e também na geografia. Movimento e repouso mas do que leis da física podem ser claramente observadas em história da humanidade ou na vida cotidiana de cada indivíduo. A história do homem é uma história de movimento pela busca por recursos necessários a sua sobrevivência. Se o homem pré-histórico se deslocava em busca de alimento e segurança, seguindo seus instintos naturais, todavia a evolução do homem elevou significativamente as necessidades humanas. E é justamente em função das necessidades humanas que tem-se a ação humana por meio do trabalho.

E considerando as limitações físicas que não permitem o trabalho ininterrupto, surge a necessidade do repouso e do descanso, ou seja, do não trabalho ou tempo livre. Portanto a indissociabilidade entre trabalho e lazer, principalmente na contemporaneidade onde a prática de lazer pressupõe não só a necessidade do tempo livre e também do capital para que possa se efetivar.

Importante considerar que tanto as necessidades humanas têm mudado do decorrer da história, assim como mudou os significados de trabalho e do lazer em nossa sociedade. No âmbito da religião também trabalho e lazer nem sempre tiveram o mesmo significado. Sendo assim, busca-se fazer inicialmente um breve resgate de como o trabalho tiveram seus significados modificados no decorrer da história. Tendo como base o percurso histórico da evolução dos conceitos de lazer e ócio, realiza-se uma discussão contemporânea de tais conceitos. Na sequência é realizado uma análise de como o lazer e o ócio são concebidos pelas religiões nos dias atuais utilizando-se para tanto de exemplificações de como esse tema tem sido tratado de forma pragmática pelo catolicismo e pelas igrejas evangélicas no Brasil.

Ao final verifica-se a tendência recente de flexibilização das bases religiosas de modo a atrair a manter o número de fiéis, seja na estratégia de promover cultos mais atrativos aos fiéis, assim como promover outras atividades de lazer e entretenimento de fundo religioso. Entretanto, seja no catolicismo assim nas igrejas evangélicas, embora tenham surgido espaços de um lazer sagrado nas religiões, isso não representou a alteração de forma pragmática a lógica de poder das instituições, ainda centrada no poder masculino.

Trabalho, Ócio e Lazer: Uma Aproximação

Como destaca Dumazedier (1979), o tempo de não trabalho é tão antigo quanto o próprio trabalho, muito embora considere que o ócio tenha surgido nas sociedades industriais avançadas. Segundo vários autores (RIED; LEIVA E ELIZALDE, 2009; MAX-NEEF; ELIZALDE; HOPENHAYN, 1986; SUÁREZ, 2009; OSORIO, 2009, MEDEIROS, 2004) o ócio e a recreação são uma necessidade humana. Coriolano e Vasconcelos (2014), concordam que o ócio seja uma necessidade humana, todavia consideram que o lazer teria sua origem na sociedade industrial por meio da conquista do tempo livre do trabalho. Já o turismo para esses autores seriam um avanço do capitalismo e do processo civilizatório. Gomes (2007, p. 6), discorda de Coriolano e Vasconcelos (2014), considerando que o lazer não é preocupação exclusiva das sociedades industriais.

Muito embora reconhecida como uma necessidade humana, De Masi (2001, p. 17), considera que bilhões de pessoas no mundo, especialmente em países mais pobres, “nunca colocaram as suas exigências acima do limite de subsistência”.

Segundo Ricci (2014), o ideal de vida na Grécia antiga, não era o trabalho ou o enriquecimento e sim o prazer e o ócio (dedicado a filosofia, política, festas, etc), praticado por uma elite. O trabalho não existiria como função social e ia contra as formas de vida livre, sendo que aqueles que trabalhavam (a quase totalidade escravos) seriam objeto de desprezo, enquanto os que desfrutavam do ócio eram dignos de honra. Segundo (LAFARGUE, 1977), havia um desprezo pelo trabalho, que era inclusive ensinado pregado pelos filósofos, considerado uma degradação do homem livre, onde apenas aos escravos era permitido trabalhar, enquanto ao homem livre eram permitidos exercícios corporais, jogos da inteligência.

Todavia, a inércia e a preguiça não são exaltadas como virtudes pelos gregos, pois possuem um senso pragmático de que a felicidade reside na atividade. Dito de outra forma, “[...] o ócio não significava estar ocioso no sentido de não fazer nada, mas implicava operações de natureza intelectual e espiritual que se traduziam da contemplação da verdade, do bem, e da beleza, de forma não utilitária”. (BACAL, 2003, p. 43). Bacal (2003), citando Aristóteles, considerava que a diversão e o recreio não seriam ócio uma vez que eram atividades necessárias para a retomada do trabalho. Dessa forma estariam consequentemente ligadas ao trabalho por uma função prática. Segundo Marinho e Pimentel (2010, p. 20) “[...] o ócio grego significa a arte de viver em desapego ao imediatismo dos sentidos e das necessidades materiais, cultivando as virtudes com equilíbrio”. Assim sendo, tanto as proposições de Ricci (2014), Lafargue (1977), Bacal (2003) e Marinho e Pimentel (2010), ainda que não apresentem consensos, suas proposições apresentam a diferença marcante entre um lazer superior, como atividade espiritual e intelectualmente edificante em contraposição a diversão e ao

recreio que estariam de certa forma ligada ao mundo mais concreto e prático do trabalho como uma necessidade para o restabelecimento da força de trabalho.

Viagem e lazer também estiveram interacionados com a religião no caso da Grécia Antiga. O povo grego, salvo raras exceções tinha como motivação de suas viagens “de ordem moral e religiosa”, tratamento de saúde e os jogos olímpicos. (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002, p. 20). Há uma nítida relação entre os jogos olímpicos e a religião na medida em que muitas dessas manifestações eram realizadas em santuários² e controlados em muitos casos por suas cidades-estado. A hospitalidade praticada pelos gregos também tinha sua base no preceito divino de que os viajantes eram protegidos por Zeus Xênios (Zeus Viajante), sendo assim uma obrigação de todo cidadão grego dar suporte aos viajantes.

Na vertente Grega o ócio era considerado como contemplação, um estado da alma no qual o indivíduo busca livrar-se do trabalho, enquanto que na versão romana o ócio possui o caráter mais voltado ao descanso e da diversão, tendo como condição necessária para o retorno ao trabalho (BACAL, 2003).

Dumazedier (1979) não concorda com a ideia de que o ócio praticado pelos filósofos da antiga Grécia ou da aristocracia medieval possa merecer tal classificação uma vez que essas elites tinham sua ociosidade baseada no trabalho alheio.

Segundo Gomes (2007), no período do Império Romano estaria associado no caso das elites intelectuais com a meditação, atingindo-se um ideal aristocrático de dignidade. Todavia, para as pessoas comuns o ócio estaria ligado ao descanso (do trabalho) e divertimento, por meio de espetáculos. Ainda segundo a autora essa estratégia tinha como finalidade despolitizar o povo, reduzido à condição de mero espectador.

² É o caso dos jogos de pítios eram realizados no santuário de Apolo (em Delfos), os jogos ístmicos se realizavam no santuário de Poseidon e ainda os jogos nemeus, realizados no santuário de Zeus (em Neméa) (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002).

Conforme destaca Marinho e Pimentel, (2010), com o fim da Pólis grega e a ascensão do Império Romano, as experiências ligadas ao ócio³ se transformam, alterando sua inserção e expressão social, sendo considerando o descanso para a alma e a recreação para o corpo. O trabalho na perspectiva romana deixa de ter conotações negativas como na visão grega e passa a representar dignidade, sendo que ócio e trabalho se tornam o modo de vida pleno.

Enquanto a civilização grega era tida como a civilização do pensamento e da filosofia o Império Romano possui características muito funcionais e práticas, voltadas para a política, conquista e comércio. E é por essa característica que o Império Romano, tem como grande destaque a implantação de infra-estruturas que interligavam os territórios conquistados, favorecendo o comércio e o deslocamento de tropas, com a construção de estradas, pontes, viadutos, rotas marítimas; criação da moeda como instrumento de troca, a facilidade de comunicação (já que o grego e o latim eram as línguas mais faladas) e a proteção do Estado fornecida aos romanos (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002). Também se criam muitos locais para a prática do lazer e do ócio como as casas de banho, teatros, anfiteatros voltados a espetáculos culturais ou competições esportivas.

Com a queda do Império Romano e a difusão do cristianismo no Período Medieval o ócio ganha outras interpretações. Muito embora o ócio popular continue existindo sob a vigilância do clero e da aristocracia feudal. E é justamente nessa época onde a difusão de valores que pregavam a ideia de um Deus único e que atividades

³ Segundo Yasoshima e Oliveira (2002) ao contrário do que a etimologia da palavra ócio pode dar a entender o *otium* não era sinônimo de ociosidade e desocupação para os romanos que praticavam este junto a viagens a beira mar. Passeios, leituras, pesca e banhos também fariam parte do leque de atividades praticadas durante. Ainda segundo os mesmos autores, os membros da elite romana teriam o costume de viajar para Grécia e Egito por prazer, fazendo uso dos *peregrases*, um tipo de guia de viagem, precursores dos guias turísticos da atualidade. Segundo Lohmann e Netto (2008) recreação é realizadas de livre vontade, no tempo livre, e significam restabelecimento e recuperação das obrigações quotidianas.

como o trabalho corporal, festas, jogos, espetáculos e danças podem representar um obstáculo para a purificação da alma. Nesse sentido, a concepção de ócio da época propõe práticas de contemplação, oração, controladas pela igreja. (MARINHO E PIMENTEL, 2010). A respeito desse período medieval posicionamento contrário é defendido por Bacal (2003, p. 47), quando diz que, “[...] há um mundo quase sacralizado, vai se constituindo uma nova classe, que não trabalha e, embora dispondo de poder e dinheiro, não se entrega ao exercício da contemplação”. Segundo a lógica clerical medieval, o trabalho do homem era necessário para redenção de seus pecados, ou seja, um processo de purificação. Não por acaso a ideia de trabalho esteve desde sua origem ligada à escravidão e ao sofrimento. Como bem destaca Ricci (2014), se observada a etimologia da palavra trabalho em grande parte das línguas europeias, se verificará que esta associado a atividade de servos e escravos. No latim *laborare* (trabalhar) significa cansar-se, sofrer; já no francês (*travail*) e espanhol (*trabajo*), derivam do latim *tripalium*, um antigo instrumento de tortura. Já no alemão (*Arbeit*) o trabalho, está ligado a ideia de orfandade, não existindo ninguém que se encarregue dele. Assim, segundo a autora, verifica-se um destino social infeliz, ou ainda uma atividade na qual se perde a liberdade e se inicia a dependência servil. Segundo De Masi (2000), o trabalho foi considerado como “[...] uma atividade física, cansativa e desagradável, que desejávamos que acabasse o quanto antes. Esta é também a definição de cansaço, esforço ou fadiga”.

E muito embora o trabalho fosse algo desagradável, porém necessário durante sua transitoriedade por esse mundo até que se alcance o “descanso eterno”. Não é por acaso que a própria etimologia da palavra Lazer, oriunda do Latim *Licere*, ou seja, aquilo que é lícito ou permitido [nesse caso pela igreja]. Nessa lógica conclui-se

portanto que toda prática de lazer que a Igreja não permitisse era considerado não lícita ou proibida, cabendo sanções terrenas e espirituais.

Com o Renascimento, além da diminuição do poder da igreja tem-se o início de um desenvolvimento calcado na racionalidade e na ciência para a resolução dos problemas existentes. As grandes navegações, as descobertas científicas e outras inovações artísticas, científicas e filosóficas serão articuladas de forma a contrapor os padrões sociais burgueses e assim instituir a proposta de uma reforma protestante que afetará não só a igreja como também outras esferas da sociedade, inclusive o lazer e o trabalho (BACAL, 2003).

Exemplo disso é a mutação da ideia de trabalho com a reforma protestante, propondo não somente uma mudança de base religiosa e econômica, que acabará repercutindo no lazer. O avanço da burguesia e do pensamento neoliberal vão tecer críticas aos privilégios do clero e da burguesia, e enaltecem a ideia de acúmulo de riquezas por meio do trabalho árduo e honesto. (MARINHO E PIMENTEL, 2010). Os mesmos autores ao citar Munné (1980), lembram que a doutrina protestante pregava a dedicação integral ao trabalho, ao mesmo tempo em que criticava o consumo supérfluo, prazeres pessoais, tentações e a vadiagem e preguiça, esses últimos considerados pecados capitais. Na lógica protestante o trabalho enobrece o homem e o ócio não. Segundo Bacal (2003, p. 55) as normas de comportamento da ética protestante baseada na “diligência, temperança, parcimônia, reserva, afastamento de prazeres carnis e poupança”, valores esses que seriam os responsáveis pelo surgimento do capitalismo moderno que por sua vez influenciariam o significado do trabalho.

Com a revolução industrial, e uma mecanização ainda incipiente, registra-se um grande fluxo de mão-de-obra sem quase nenhuma qualificação empregada nas fábricas,

sem distinção de sexo ou faixa etária. Da mesma forma verificam-se jornadas de trabalho extremamente longas de até 16 horas, houve a necessidade de um maior controle do tempo de trabalho e também fora dele. (MARINHO e PIMENTEL, 2010). Diante dos excessos do processo de exploração dos trabalhadores, com cargas horárias excessivas, empregando inclusive idosos, mulheres e crianças nas fabricas, surge o Marxismo, fazendo critica a expropriação dos trabalhadores e do processo de alienação do trabalho. Nesse momento o tempo de não-trabalho era dedicado ao repouso para a simples recuperação da força de trabalho. Todavia, com a evolução do capitalismo e a exploração dos trabalhadores, surge no século XIX movimentos operários que clamam por direitos trabalhistas como a redução da jornada de trabalho, férias remuneradas e outros. No Brasil tais conquistas trabalhistas se iniciaram a partir de 1930. (MARINHO e PIMENTEL, 2010).

Nas palavras de (MARINHO e PIMENTEL, 2010, p. 66):

Na medida em que o trabalhador, genericamente, foi ganhando legalmente mais tempo em relação à jornada de trabalho, percebem-se outros conteúdos no tempo liberado, além do descanso. Assim, o trabalhador disporá de um tempo para recuperar-se fisicamente e de um tempo que usará com liberdade para o exercício de atividades de sua escolha.

Todavia, as conquistas trabalhistas não devem ser consideradas de maneira isolada, sem considerar, por exemplo, o desenvolvimento da maquinaria que gradativamente substitui cada vez mais a mão-de-obra, ao passo em que aumenta sua produção. (BACAL, 2003).

Paul Lafarge (2003), fez também suas criticas ao trabalho alienante, insalubre a explorado, defendendo o “Direito a Preguiça”, que tinha como objetivo livrar o trabalhador de sua condição de miserabilidade e cerceamento de liberdade ao mesmo

tempo em que visa o desenvolvimento das capacidades humanas. Segundo esse autor o indivíduo que trabalhasse menos renderia mais.

Ainda segundo Marinho e Pimentel (2010), ao final do século XIX e XX, teria ocorrido, principalmente no Brasil um projeto de controle social que buscava banir qualquer atividade que fugisse da ordem e da disciplina, fortalecendo assim a ideia do capitalismo em desenvolvimento. De forma contrária, o ócio era visto como desordem, improdutividade e perda de tempo.

Segundo Bacal (2003, p. 56), a Idade Moderna, dá grande ênfase a valorização do trabalho, considerada por ela como a “religião do trabalho”, onde o ócio é tido com conotação pejorativa.

Percebe-se portanto que no decorrer da história uma alternância de significação dos conceitos de ócio e do trabalho, da mesma forma a religião que antes possuía aspecto central em alguns momentos históricos passam a ser relegada a um segundo plano. O trabalho que é visto como uma atividade para o pobres e escravos na Grécia e Roma Antiga e Idade Média, tido pela Igreja como uma expiação pelos pecados cometidos pelo homem passa a ter outro significado com a reforma protestante, onde ele dignifica o homem. Como, destaca Chauí (2012, p. 78) “[...] a ideia de trabalho como desonra e degradação não é exclusiva da tradição judaico-cristã”.

De forma semelhante o lazer é enaltecido na Grécia Antiga, começa a sofrer um processo de depreciação e pejorativismo que iniciasse de forma mais acintosa na revolução industrial e prossegue até o período moderno. Conforme destacam Coriolano e Vasconcelos (2014, p. 5) “[...] modernamente, ócio é ameaça ao capitalismo, associado a inutilidade e improdutividade, mas contemporaneamente há o esforço de significá-lo”. Os autores acrescentam (p. 8) que a vida moderna acaba por alienar o

trabalho, lazer, turismo, meios de comunicação e consumo, uma vez para muitos o lazer se reduziria ao consumo de bens e mercadorias e do prazer. Todavia, mais a frente os autores, baseado numa perspectiva dialética do lazer citam Santos (2000), que recomenda que tanto o lazer e o turismo não sejam vistos de maneira isolada e apenas sob seu viés econômico mas sim como a plenitude do desenvolvimento humano, fazendo com que turismo e lazer se tornam, mecanismos contribuam para uma civilização mais humana.

Segundo Gomes (2014), existiriam duas concepções na forma de abordagem do lazer, a primeira delas que considera que o é uma parte da vida social oposta ao trabalho, visto como um tempo livre/liberado das obrigações ou como uma ocupação do tempo livre e a outra corrente (ainda incipiente), considera o lazer como uma necessidade humana e uma dimensão da cultura. A autora critica a visão dessa primeira corrente afirmando que ao tratar o lazer como uma problemática social intimamente vinculada ao trabalho industrial capitalista, tal perspectiva negligencia outros projetos políticos de sociedade e outras dimensões da vida social a e do trabalho produtivo. Outra problemática segundo Gomes (2014, p. 7), seria o fato de que:

[...] essa lógica dicotômica invisibiliza outras formas de perceber e interpretar as múltiplas realidades sociais coexistentes no mundo, cerceando as possibilidades de que o lazer seja compreendido, problematizado e pesquisado em distintos contextos socioculturais que apresentam particularidades e diversidades necessárias de serem reconhecidas. Nesse sentido, torna-se fundamental problematizar o entendimento hegemônico de lazer como contraponto do trabalho. Concepções como essa obliteram as complexidades, contradições e ambiguidades do lazer, sobretudo em contextos minoritários [...] (GOMES, 2014, p. 7).

A mesma autora, em outra obra (GOMES, 2004), conclui que não existem fronteiras absolutas entre o trabalho e lazer e sobretudo entre as demais esferas de vida social. Prova de que essas fronteiras não são absolutas e talvez nem mesmo exista esse

antagonismo entre trabalho e lazer é defendida por Stebbins (2014, p.1-2) que considera os campos do lazer e do trabalho intimamente interligados, podendo existir prazer em ambos, pois “[...] existiram trabalhos tão atrativos que são considerados essencialmente lazer para aqueles que o realizam”, ou o que ele chama de “*devoteework*”.

Além daqueles que consideram que a linha que separa lazer e trabalho seja tênue e talvez inexistente, outros destacam os benefícios do ócio e do lazer. Muitos foram os pensadores que defenderam o direito ou a necessidade do ócio e do lazer como Paul Lafarge em sua obra “O Direito e Preguiça” (1977); Bertrand Russel em “Elogio ao Ócio” (2002); Domenico de Masi em suas obras “A economia do ócio” (2001); “O futuro do trabalho” (2003) e “O ócio criativo” (2000); Johan Huizinga na obra “Homo Ludens” (2012); Milton Santos no artigo “Lazer popular e geração de emprego” (2000).

A própria etimologia da palavra lazer, ligado as atividades que a Igreja considerava lícito ou não, bem como os demais fatos históricos desde a Grécia onde pressupostos religiosos amparavam a hospitalidade de viajantes, justifica a estreita relação entre lazer e religião.

Os significados e valores atribuídos ao trabalho, lazer e religião são cambiantes em nossa sociedade no decorrer da história, influenciando-se reciprocamente.

Conceituação Contemporânea de Lazer e Ócio

Traçado um breve histórico do entrelaçamento entre a religião e lazer e ócio, faz-se necessário uma discussão contemporânea do lazer e do ócio para melhor compreender como estes se entrelaçam com a religião atualidade.

Talvez a primeira advertência que seja necessário realizar é de que como bem expõe Marcelino (2006, p. 14-15), não é possível entender o lazer isoladamente, sem

relação com outras esferas da vida social, pois o lazer influencia e é influenciado por outras áreas de atuação numa relação dinâmica. “O entendimento do lazer de maneira isolada, sem considerar as mutuas influencias das outras esferas da vida social, pode provocar uma série de equívocos”. A palavra lazer teria sido por muito tempo associada pela população como atividades recreativas ou eventos de massa. Até mesmo nos órgãos públicos existe uma indefinição ao se conceber Secretarias ou Departamentos de esporte, turismo e lazer, esporte e lazer, etc. Segundo ele tudo isso contribui para que acabe se perpetuando uma visão parcial e limitada das atividades de lazer, o que acabaria por restringir seu âmbito e dificultando portanto o entendimento do fenômeno.

A premissa inicial para discussão do conceito de lazer passa, antes de mais nada, pela definição do que é o tempo livre ou tempo disponível como preferem alguns autores⁴. Segundo Ferreira (2010), o tempo seria dividido em tempo de trabalho e tempo livre, sendo que este último abarcaria administração familiar, atividades sociais e atividades de entretenimento. Observa-se, com isso, que apenas uma parte do tempo livre pode ser destinada ao lazer. Segundo Panosso Neto e Lohmann (2008) o lazer não deve ser uma negação do trabalho e sim um o complemento do outro, pois para existir a categoria tempo livre e conseqüentemente o lazer é necessário o trabalho. Segundo Gomes (2004, p. 120):

Trabalho e lazer, apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas. É preciso levar em conta o dinamismo desses fenômenos, atentando para as inter-relações e contradições que eles apresentam. Em virtude deste aspecto, trabalho e lazer não constituem pólos opostos, representando faces distintas de uma mesma moeda.

⁴ Para Marcellino (1987) considera que tempo disponível seria mais adequado que tempo livre uma vez que segundo ele tempo nenhum está livre de coações ou normas de conduta social.

E é por essa razão que o conceito de lazer como conhecemos hoje teria se originado na sociedade pós-industrial. (LOHMANN e PANOSSO NETO, 2008).

Segundo Elias e Dunning (1992, p. 110), o tempo livre pode ser utilizado segundo sua classificação para 1) trabalho privado e administração familiar; 2) repouso; 3) provimento das necessidades biológicas; 4) sociabilidade; 5) atividades miméticas ou jogo. Nessa última categoria estariam efetivamente as atividades de lazer o que demonstra portanto que parte considerável do nosso tempo livre não é considerada portanto lazer. Como reitera Ferreira (2010, p. 40) “a maioria das atividades de lazer corresponde às atividades realizadas no tempo livre, mas nem todas as atividades realizadas no tempo livre são consideradas atividades de lazer”.

Jost Krippendorf (2003, p. 37) reitera que desejamos aproveitar nosso tempo livre, para que sejam satisfeitos nossos desejos que não foram realizados no cotidiano do trabalho e no dia-a-dia. Segundo o mesmo autor, geralmente tais necessidades são, via de regra sanadas fora de casa, excluindo-se os casos de “alguns privilegiados” como artistas, professores, pintores, músicos, escritores, que seriam livres e determinam seu próprio ritmo de trabalho e cuja residência nada falta. Por outro lado, a grande maioria da população que é “escrava do trabalho” e que fazem parte da sociedade industrial precisam dessa fuga, ou desse consolo externo que pode ser suprido pelo lazer e pelo turismo.

Nessa última passagem de Krippendorf (2003), importante ressaltar que nas profissões que ele intitula como “privilegiados” muitas vezes se escravizam até mais que operários, podendo também se tornar um mecanismo de alienação e de frustração. Muitas atividades tidas como obrigatórias como o trabalho formal, trabalhos domésticos, obrigações familiares e sociais podem ser para muitos uma atividade

voluntaria e que lhe proporciona prazer, entretenimento e diversão, embora outros considerem obrigação social. Nem mesmo as atividades consideradas como propriamente de lazer estão livres de frustrações, pois como bem apontam Lohmann e Panosso Neto (2008), embora as atividades de lazer muitas vezes visem o prazer, essas duas não podem ser consideradas como sinônimos pois tais buscas nem sempre são satisfeitas.

Outro fator que chama atenção na passagem de Krippendorf (2003) e que é recorrente em muitas leituras sobre o lazer é justamente a dualidade do lazer considerado por alguns como mecanismo de fuga ou alienação ou por outro lado de emancipação, liberdade e crescimento pessoal. Embora Marcelino (2006) reconheça que o lazer frequentemente é considerado uma atividade de livre escolha, de caráter desinteressado, pode ser influenciado por atividades compulsivas, ditadas por modismos, guiados pelo status. Por outro lado, o mesmo autor critica a visão unilateral do lazer que segundo ele pode provocar uma série de riscos “[...] como a sua utilização como fuga, alienação e simples consumo”. Outros autores fazem um “elogio” ao lazer como finalidade da existência e ideal de felicidade (DE MASI, 2003; 2001; 2000; RUSSEL, 1977; HUZINGA, 2012), ou ainda como fator de autonomia, liberdade e crescimento pessoal. Marcelino (2006, p. 15), também critica esse ponto de vista segundo qual poder-se-ia atingir o sentido da vida “[...] num fim de semana, ou uma viagem, muito embora essas ocasiões possam ser consideradas como possibilidade de felicidade e formas de resistência para o dia-a-dia.” Marcelino (2006, p. 15) reitera que “[...] um trabalho empobrecedor está ligado a um lazer empobrecedor e vice-versa”. O autor lembra ainda que o lazer não pode ser entendido como um simples assimilador de tensões ou “alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais”.

[...] o lazer como ‘assimilador de tensões’ não teria essa função de desviar a atenção dos problemas sociais e pessoais, ou da exploração de muitos por poucos, perturbadora da ‘paz social? A tensão, em certo grau, não seria necessária para percepção das problemáticas individual e social? (MARCELINO, 2006, p. 16).

O conceito de lazer do autor considera que o lazer considerado pelo prisma cultural, considerando portanto lazer como uma das importantes dimensões da cultura, tal como o trabalho, educação, família e outros.

Para chegar a uma definição de lazer, Dumazedier (1973) identificou algumas características que segundo ele comporiam o lazer. A primeira delas é a livre escolha da atividade e seu caráter liberatório, ou seja, o tempo que restaria o indivíduo depois das obrigações profissionais, familiares, sócio espirituais e sociopolíticas. Um segundo aspecto seria o caráter desinteressado, onde o indivíduo não buscaria nesse nenhum fim lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, social, político, sócio espiritual. Na sequência o caráter hedonístico marcado pela busca de um estado de satisfação. Segundo o autor a busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primeira do lazer. E por fim o caráter pessoal, onde seriam inseridas as funções do lazer que por sua vez responderiam às necessidades de cada indivíduo.

Dessa forma, Dumazedier (1973, p.34), chega a definição de que o lazer seria:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Ao analisar a definição de Dumazedier (1973) o lazer só seria possível depois do indivíduo se tornar livre de suas obrigações. Todavia, como já ressaltado anteriormente,

muitas dessas obrigações como exemplo: participar de atividades religiosas ou brincar com os filhos podem atividades geradoras de satisfação e até mesmo prazer.

Liberdade e desinteresse marcam o conceito de Dumazedier (1973), embora possa ser questionado até que ponto o que move o indivíduo é realmente uma “livre” vontade ou influências mercadológicas, sociais e outras que o movem.

Como o Lazer é Considerado Pelas Religiões?

É delicada a tarefa que estabelecer a relação entre a religião e o lazer na medida em o primeiro é considerado sagrado e o outro profano, muito embora, considere-se aqui que o lazer e o lúdico estejam inseridos de forma direta ou indireta nas religiões. Os ditos populares deixam muito bem estabelecida a “proibição” dessas discussões quando dizem que “política e religião não se discutem”, ou ainda, “futebol e religião não se discutem”.

Não é pretensão desse trabalho fazer um resgate de todas as passagens que fazem alusão ao lazer e ao ócio nas religiões existentes, dado a impossibilidade técnica de tal feito, seja pela multiplicidade de religiões existentes e igualmente da dificuldade de acesso a bibliografia. Nesse sentido, busca-se uma aproximação do lazer a e do ócio junto as religiões com o catolicismo e evangélicos, considerando que a primeira ainda é predominantemente numérica em nosso país e a segunda apresenta taxas de crescimentos crescentes nos últimos anos, como demonstram os censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Ao que parece o descanso está no início do próprio universo, pois segundo o livro do Genesis (Gênesis 2:2-3) da Bíblia Sagrada, após 6 dias criando o mundo “[...] Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua

obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que Deus criara e fizera”. Segundo Bender (2014 apud Kilp), para os judeus o dia de descanso é o sábado ou “shabat” que significa em hebraico, parar e descansar. O sábado seria consagrado assim ao descansarem no sábado os israelitas contemplavam e se alegravam com as obras de Deus e as bênçãos que emanam desse dia. Ainda segundo Bender (2014), mesmo Jesus teria feita ressalvas em relação ao sábado considerando que este teria sido feito para servir as pessoas, e não as pessoas para servirem o sábado. O domingo como dia de descanso teria surgido em 321 d.C, com o imperador Romano Constantino instituiu o primeiro dia da semana judaica como dia de descanso geral.

Muito embora hajam outras passagens bíblicas que contrariem tal passagem afirmando que Deus nunca se cansa, o fato é que tal preceito religioso legou a humanidade um dia de descanso.

Ainda no livro do Gênesis fica evidente que a expulsão de Adão e Eva do paraíso, devido a terem descumprido as determinações de Deus. Segundo o livro do Gênesis o primeiro homem teria amaldiçoava o solo e que dele deveria se nutrir até os últimos dias de sua vida. “Você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado. Você é pó, e ao pó voltará”. (Gênesis 3:19). Como evidencia Chauí (2012, p. 77) “ao ócio feliz do paraíso segue-se o sofrimento do trabalho como pena imposta pela justiça divina, e por isso os filhos de Adão e Eva, isto é, a humanidade inteira pecará novamente se não se submeterem à obrigação de trabalhar”. A condição de ócio apontada por Chauí (2012) no paraíso talvez deva ser repensada já que não existira o ócio propriamente dito no paraíso já que esse era o único modo de vida possível.

Chauí (2012), reitera que a ideia de trabalho como punição não é uma exclusividade da tradição judaico cristã e que estaria presente em quase todos os mitos que marram a origem das sociedades humanas onde o trabalho será considerado uma punição por crimes anteriormente cometidos. A morte por sua vez também é considerada como o descanso eterno para os católicos. Fica evidente a ideia de que o paraíso como *locus* de onde não há trabalho nem sofrimento e que somente após uma boa vida (seguindo os preceitos religiosos) é que se alcançará o descanso tão almejado.

Mesmo diante de tantas contrariedades ao lazer e ao ócio, haverá no catolicismo, atividades que serão permitas (lícitas - licere) à serem praticadas. As peregrinações a lugares sagrados bem como as festas religiosas são o exemplo de práticas permitidas pela Igreja. Coincidentemente o surgimento das atividades de agenciamento de viagens vai ter sua origem através de Thomas Cook, em uma viagem com motivações religiosas.

Segundo Barretto (1999):

Em 1841, um vendedor de bíblias, chamado Thomas Cook, andara 15 milhas para um encontro de uma liga contra o alcoolismo em Leicester. Para um outro encontro, em Loughborough, ocorreu-lhe a idéia de alugar um trem e levar outros colegas. Juntou 570 pessoas, comprou e revendeu os bilhetes, configurando a primeira viagem agenciada. [...] Em 1867 instituiu o voucher hoteleiro, em 1869 levou pela primeira vez um grupo ao Egito e à Terra Santa[...] (BARRETO, 1999, p. 51-52).

É inegável a importância da religião para o turismo, muito embora para alguns o contrário não seja verdadeiro já que muitas leituras religiosas consideram o lazer como o ócio de forma depreciativa. O Brasil por sua colonização portuguesa, não só tem traços ainda muito marcantes do catolicismo, prova disso é o número de feriados e dias santos existentes no calendário nacional. Outra fato que reitera a importância da religião para o lazer e o turismo é o interesse de pesquisadores (CHRISTOFFOLI; PEREIRA e SILVA, 2012; CHRISTOFFOLI, 2007; ARNT, 2006; RIBEIRO, 2010;

ABUMANSUR, 2003), em relação a temática, em especial da relação das festas com o turismo e o lazer (SCHAUFFERT, 2003; ARAGÃO e MACEDO, 2011; FARIAS, 2013; SILVA, 2014). Outra linha de produção na área aborda as peregrinações e romarias religiosas (D'ABADIA, 2003; TIMOTHY e OLSEN, 2007; XAVIER DE SOUZA, 2012; MAIA, 2010; SANTOS, 2010); o consumo e as religiões (MESQUITA, 2007; CAVALCANTE, 2012; STORNI e ESTIMA, 2010).

Já com o protestantismo, o lazer passa a ser considerado de forma depreciativa. Era um mal que deveria ser combatido. Por outro lado, o trabalho foi dignificado. O lucro por sua vez não é visto como pecado oriundo da usura e sim o resultado do esforço do trabalho cristão como forma de agradar a Deus. (GOMES, 2002).

A inserção do Protestantismo no Brasil teve dificuldades de inserção, devido a peculiaridades locais como é o caso já citado do imenso número de feriados e dias santos, que segundo Mendonça (2007, p. 171)

[...] deixava pouco espaço para o trabalho, isto é, mais lazer do que atividade produtiva, uma dupla moral para o casamento e, sob o ponto de vista político, uma monarquia supostamente “esclarecida” e socialmente escravista. Era tamanho o fosso que o protestantismo não teve outra saída senão converter os católicos e retirá-los para outro mundo, isto é, o da comunidade da fé (p. 171).

Entre os protestantes existem concepções diferentes do que é considerado como lazer e como ele é praticado. É possível que para manter e ampliar seu número de seguidores, algumas religiões evangélicas⁵ tenham flexibilizado algumas práticas de lazer dentro dos pressupostos religiosos. Segundo Farias e Blanc (2011), por exemplo, ao discutir em seu artigo “*Juventude, religiosidade e o ‘tempo livre’*”: formas de

⁵ Para Oliveira (2006 apud OLIVEIRA, 2012. p. 136), “evangélico são todos que participam de denominações religiosas que tiveram suas origens na Reforma Protestante. Entretanto, existem duas classificações para os evangélicos, que são os históricos (ou de missão, ou tradicionais) e os pentecostais. Dentro dessa classificação também existem sub-divisões, como por exemplo, os pentecostais que são divididos em: pentecostais clássicos, deuteropentecostais e neopentecostais”.

sociabilidades efetivadas por jovens universitários”, aponta por exemplo, que o tempo livre para os estudantes evangélicos significa participar de eventos, reuniões, confraternizações e cultos de sua Igreja, sendo que em algumas ocasiões assistem a filmes com os amigos ou ainda se dirigem com os amigos do grupo religioso para uma lanchonete. O autor aponta ainda que existem para esses jovens os espaços de circulação que se subdividem em “espaços de perdição” e “espaços de salvação”.

Fernandes (2012) ao discutir em sua dissertação o tema “Geografia Da Religião: um olhar sobre as espacialidades da juventude evangélica da Assembleia de Deus”, relata que muitas das atividades realizadas pelos jovens são auto-impostas e que não seriam necessariamente de lazer, tais como música e dança para os grupos de louvor; teatro para encenação de passagens bíblicas e para comemoração de datas especiais e ainda estudos bíblicos, vigílias e outros. Segundo Carrano (2002⁶ apud Fernandes, 2012), tais atividades são providas de ludicidade e que a perspectiva de diversão está inserida na própria forma de proposição das atividades. Tais atividades teriam a finalidade de proporcionar “espaços de diversão” dentro da Igreja para que os jovens não procurem os “espaços de perdição” fora da igreja.

Segundo Cavalcante (2012), assim como a mídia evangélica, os espaços de lazer e consumo criado pelos evangélicos são como compensações do sistema excludente em que os fiéis da igreja estão inseridos na sociedade. Cavalcante (2012. p. 39) explica que os evangélicos no Brasil buscaram uma cultura de “repressão do corpo e de todo prazer que pudesse advir dele ou a ele ser direcionado”. Mais tarde pressionados pelo fato de que o lazer e a diversão se constituem como quesitos no quadro de necessidades humanas, as igrejas históricas, com a diferença que o lazer praticado nas

⁶ CARRANO, P. C. R. Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: RelumeDumará: FAPERJ, 2002b.

igrejas difere do lazer comum é que o lazer e entretenimento religioso seria “consagrado”. Ainda segundo Cavalcante (2012, p. 39):

Os protestantes históricos abriram uma brecha na negação dos prazeres mundanos presentes nas raízes católicas, os pentecostais clássicos entenderam que esta abertura passou dos limites e uma parcela mais recente de evangélicos defendem que o lazer pode existir se for voltado para Deus e cercado pela santidade.

Segundo Fernandes (2012), a juventude faz do tempo um espaço de convívio onde além dos cultos ocorrem encontros, festas, confraternizações, seminários, conferências e até mesmo paqueras, troca de recados e olhares furtivos fora do templo e longe do olhar dos adultos. Em seu estudo verificou que muitos shows e festas gospel, arrebanham milhares de jovens que se divertem cantando e dançando dentro de espaços controlados e consagrados.

Para Cavalcante (2012, p. 40), a música, o consumo e o entretenimento são as bases da cultura gospel, uma cultura religiosa que constitui um modo de vida construído pelo segmento cristão evangélico brasileiro. A música seria fundamental para formação dos evangélicos na medida em que “[...] dá sentido a esse modo de vida religioso não como simples expressão litúrgica, mas como mediação do sagrado”.

Consumo e entretenimento formam uma dupla hegemônica que influencia a cultura de mercado neste início de século XXI. Trabalhando junto com a mídia, estes espaços de lazer e de consumo de bens aparecem como principais compensações do sistema excludente em que as pessoas vivem: “No *gospel*, o duo consumo-entretenimento leva a expressão cultural para além da música e a transforma num modo de vida, cuja forte marca é a inserção no mundo moderno” sem se desvincular da tradição evangélica e do modo de vida religioso” (CAVALCANTE, 2012, p. 41).

O consumo e o entretenimento segundo Cavalcante (2012), podem ser acessados não apenas nos locais de culto, mas também pela internet, canais de televisão

on-line, revistas eletrônicas mensais, rádios que transmitem uma programação própria da Igreja via internet, entre outros. O autor chama à atenção que os produtos culturais no que se refere especificamente a Igreja Bola de Neve *Churc*, não são voltados exclusivamente a religião evangélica.

A pesquisa de Storni e Estima (2010) evidencia a importância que essa “indústria cultural” possui para as igrejas (em especial nas evangélicas)⁷. Storni e Estima (2010, p. 19), citando PRANDI (1996, p. 260)⁸, lançam a ideia de que a religião estaria passando gradativamente para uma atividade focada no indivíduo e subsequentemente no consumo onde os indivíduos seriam obrigados “a seguir as regras do mercado”. Tal posicionamento é um tanto contraditório na medida em que muitas dessas religiões (como colocam os mesmos autores), ofertam aos seus adeptos bens simbólicos, moda, entretenimento, estilo de vida e identidade cultural, que são gestados para um grupo e não apenas para o indivíduo.

Fica evidente nos casos acima citados que para que não percam seus “espaços de poder” as religiões passam por modificações, tornando-se mais tolerantes em relação as práticas de lazer, mas sempre mantendo o controle de tais atividades. A oferta de produtos religiosos (sejam eles música, programa de tv, literatura), bem como muitos eventos religiosos ocorrem em espaços da igreja, onde buscam através do controle privado exercer seu poder.

⁷ Segundo os autores somente no ano de 2002, foram vendidos 8 milhões de discos de música e mensagens cristãs o que equivale a 14% das vendas da indústria fonográfica nacional. Somente a igreja evangélica possui 30 gravadoras, enquanto os católicos. No que se refere as emissoras de rádio, 470 são evangélicas, contra 200 católicas. No que se refere a edição de livros religiosos a editoras católicas faturaram 91 milhões em 2002, contra 87 milhões das editoras evangélicas. No que se refere a mídia eletrônica os católicos possuíam 4 emissoras de televisão com 608 retransmissoras que multiplicam o sinal de TV por todo o território nacional. Já igrejas evangélicas detêm 93 emissoras e 5103 retransmissoras, números esses que demonstram a superioridade numérica dos evangélicos que possuem vinte vezes mais recursos que os católicos.

⁸ PRANDI, J. R.; PIERUCCI, F. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo, Hucitec, 1996.

Importante ressaltar que entre as igrejas protestantes há aquelas que não aceitam a modificação ou modernização de seus pressupostos religiosos como é o caso das igrejas luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas, consideradas integrantes do protestantismo chamado tradicional ou histórico. Todavia, o protestantismo enfrentou uma série de modificações, gerando o que se denominou de igrejas renovadas ou movimento carismático, fazendo surgir novas divisões no seio do protestantismo (MENDONÇA, 2005).

Assim como os protestantes acabaram alterando alguns de seus aspectos em função da cultura brasileira (como os feriados católicos por exemplo) da mesma forma outras religiões acabam sendo moldadas de acordo com o local onde ocorrem, existindo assim um processo de resistência local em relação a religião e vice-versa. Poderíamos assim dizer que as religiões não são homogêneas e acabam ganhando contornos específicos de acordo com o local onde se instalam.

Tanto na Igreja Católica como Protestantes emergem reivindicações de uma maior inserção das mulheres na religião e também em suas esferas de poder. Enquanto sua participação nas esferas de poder é negada, muitas delas criam grupos dentro das suas respectivas igrejas, sempre com finalidade religiosa, mas que sempre estão sob o controle dos líderes (em sua maioria homens). Segundo Woodhead, (2007, p. 87), essas estratégias fazem com que as mulheres tenham uma certa margem de poder de negociação, sem necessariamente conseguir reverter a dominação masculina “que esse poder simboliza e mantém.

Não há um consenso na forma como o lazer é tratado pelas religiões, porém parece existir um padrão segundo qual o lazer é incorporado ou não segundo os interesses religiosos. As igrejas evidenciam no decorrer da história as práticas de lazer

que são permitidas ou proibidas, todavia, fica evidente que tais decisões não são definitivas e se modificam a medida que a sociedade também se transforma. A inserção de danças e até mesmo bandas no movimento de renovação da igreja evangélica é um exemplo dessa transformação que tornam a prática da música e da dança dentro do seio da igreja permissível, desde que conteúdos religiosos e com o propósito de louvor a Deus.

Considerações ou Questionamentos Finais?

Os fenômenos religiosos ocorrem em espaços e tempos determinados e em diferentes contextos socioespaciais. Além da sua construção material existe uma produção abstratas e imaterial, ou em outras palavras, a religião e o lazer são variáveis que contribuem para a produção do espaço geográfico material e imaterial

No caso aqui exposto, a religião institui os sujeitos materiais e os imateriais (Deus, o Espírito Santo, Anjos, Demônios, O Paraíso, o Inferno, etc). Da mesma forma, além das estruturas físicas das igrejas, mesquitas e outros locais de culto, a maioria das religiões concebe lugares intangíveis, como o Céu, o Inferno, o Purgatório (como na Igreja Católica). Já o Islã vê a morte como uma passagem natural para o próximo estágio da existência, onde a morte do corpo ressuscita física e espiritualmente. A conduta na terra determinará a vida após a morte, ou seja, a vida será de recompensas ou punições de acordo com a conduta terrena. Segundo os versos do Jihad, contidos aqueles que morrerem por causas de Alá, serão agraciados com 72 virgens. Fica evidente portanto que a conduta em muitas religiões acaba sendo o meio de acesso aos lugares espirituais almeçados, na maioria das vezes o paraíso. Assim como um trabalhador realiza seu trabalho durante a semana esperando o final de semana ou suas férias, busca desenvolver seu espírito para que consiga atingir sua busca espiritual de

descanso e no caso dos islâmicos jihadistas a compensação da morte como mártir com a fruição de prazeres eternos. A esse processo de transição entre o espaço físico e o espiritual (como acreditam algumas religiões) caracteriza um processo de migração entre mundos que pouco se sabe, primeiro pela falta de comprovações científicas da existência destes e em segundo se realmente existirem qual sua caracterização. E além disso, como consideram Sahr e Godoy (2009, p. 5), "[...] não é suficiente descrever o fenômeno religioso como um fato científico", como também não seria suficiente "[...] compreender o fenômeno religioso fenomenologicamente por suas características intrínsecas, ainda menos como um fenômeno radicalmente e totalmente diferente da ciência e da vida comum", como fizeram Rudolf Otto (1992)⁹ e Mircea Eliade (1992)¹⁰. Na visão desses autores seria necessário compreender o delineamento das diferenças nas religiões, que não se expressaria em espaços e lugares religiosos concretos.

Diante da consideração de que existe um universo intangível que permeia o imaginário dos fiéis sobre esses mundos construídos pela visão religiosa coletiva cabe o questionamento de que talvez cada indivíduo construa sua idealização desses espaços espirituais de forma individualizada. . Haveria como pensar a representação social das questões religiosas que nem mesmo são conhecidas, ou seja, daquilo que não é representado. Embora Durkheim (1998, p. 154), "[...] os primeiros sistemas de representação que o homem fez para si do mundo e de si mesmo são de origem religiosa". O mesmo autor considera que as representações coletivas, amparadas em instituições e estruturas que são exteriores ao indivíduo acabam por exercer certa coerção sobre as consciências individuais. Todavia, para Gomes; Mendonca e Pontes,

⁹ OTTO, R. **Das Heilige**: Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen. München, Beck, 1979

¹⁰ ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

(2002) às ideias de representação de Durkheim seriam mais adequadas para compreensão de sociedades primitivas enquanto a teoria de Moscovici (1978) seria mais adequada para sociedades modernas, em que existiria um maior pluralismo, permeado por rápidas mudanças econômicas, políticas e culturais. Segundo o autor existiriam poucas representações que seriam verdadeiramente coletivas. Se como expõe Woodward¹¹ (2011, p. 18 apud BARRETO, 2013) os discursos e representações constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e também falar.

Como então pode um indivíduo falar de lugares espirituais, intangíveis dos quais pairam tantas dúvidas e incertezas, seja na construção coletiva (por parte dos pastores e padres que não possuem consenso sobre a existência de lugares como céu, inferno e purgatório). Exemplo dessa falta de consenso em relação a tais lugares espirituais foi a declaração do Papa Francisco , que disse que “o Inferno não existe¹²”, contrariando muito do que já foi e ainda é pregado por padres católicos. De forma semelhante a construção individual sobre o que seriam esses lugares espirituais. Acrescente-se a isso a dificuldade da ciência geográfica em compreender a lógica que rege essa espacialidade espiritual.

Se teoricamente junção entre as temáticas de lazer e religião parecem inicialmente contraditórias, fica evidente que sempre existiu as concepções de lazer e ócio, ainda que não recebessem tal denominação. O lazer marca sua presença seja na religião ou na sociedade influenciando-se reciprocamente, produzindo espacialidades físicas e tangíveis no mundo concreto como experiências, fatos e lugares intangíveis. Fato é que as religiões geram uma herança cultural, passadas de geração a geração, mas

¹¹WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu Tomaz da (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2011.

¹² Notícia veiculada no Jornal “O Jornal de Hoje”, no dia 29/01/2014. Disponível em: <http://jornaldehoje.com.br/nao-ha-fogo-inferno-adao-e-eva-nao-sao-reais-diz-o-papa-francisco/>

conforme evidencia-se nos argumentos aqui apresentados vão sendo moldados segundo os interesse das instituições, da sociedade e dos indivíduos. Na concepção de Bourdieu (1992) essa herança cultural recebida é reinventada pelo individuo transformando assim os seus hábitos que segundo o autor são constantemente alterados.

A distinção do trabalho e lazer vistos como contraditórios, hoje não só é visto com grande tolerância seja pelo mercado como um produto de consumo, também é revisto seu papel dentro das instituições religiosas como um fator a ser tolerado como promovido, mas sempre dentro do controle das instituições religiosas. Contraditório no entanto é o fato de que as privações terrenas pautadas pelas normas e leis religiosas podem gerar uma vida de paz, descanso e até de prazeres nos espaços espirituais, De forma oposta a vida desregrada e contrarias a todas as normas religiosas seria punida com castigos. Nesse sentido o “mal lazer”, pautado em atividades não aceitas como “lícitas” ou saudáveis para as religiões seria um empecilho aos interesses da religião, punido com punições terrenas e espirituais. Estaria implícito portanto nessa concepção um certo determinismo espiritual, onde o comportamento do individuo em vida determinaria seu lugar, depois da vida.

REFERENCIAS

ABUMANSUR, EdinSued (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

ARAGÃO, I. R; MACEDO, J. R. Festa e Turismo Religioso: a procissão em louvor ao Nosso Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão (Sergipe - Brasil). **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 20, p. 96-113, jan./mar. 2011

ARNT, L. **Peregrinação x turismo religioso: um estudo de caso no santuário de Azambuja – Brusque, SC**. 2006. Dissertação (Mestrado em Hotelaria e Turismo) – Curso de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário de Camboriú, 2006.

BACAL, S. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 12. ed. Campinas: Papirus, 1999.

BARRETO, L. A. Identidade e racismo: as relações intersubjetivas de poder. SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 26, 2013, Recife. **Anais...** [Recurso Eletrônico] Recife: UFPE, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis**. São Paulo: Editora Paulus. 1990. São Paulo: Editora Ave Maria, 1982. cap. 1, p. 15.

BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis**. São Paulo: Editora Paulus. 1990. São Paulo: Editora Ave Maria, 1982. cap. 3, p. 16.

BOURDIEU, P., **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAVALCANTE, L. G. de S. **A construção de uma nova identidade cultural jovem evangélica a partir da “cultura *gospel*” no Brasil: a Igreja Evangélica Bola de Neve Church (1980 – 2010)**. 2012. Monografia (Graduação em História) - Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

CHAUÍ, M. Sobre o direito e preguiça. In. NOVAES, A. **Mutações: elogio à preguiça**. São Paulo: SESC/SP, 2012.

CHRISTOFFOLI, A. R.; PEREIRA, R. F. A.; SILVA, Y. F. O lazer no turismo religioso: uma análise dos discursos do turismo. **Pasos: Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**. v. 10. N. 5, p. 595-603, 2012.

CHRISTOFFOLI, A. R. **Turismo e religiosidade do Brasil: um estudo dos discursos da produção acadêmica brasileira**. 2007. Tese (Doutorado em Turismo e Hotelaria) – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2007.

CORIOLOANO, L. N. VASCONCELOS, F. P. Lazer e turismo: novas centralidades da sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p.3-22, ago. 2014

D’ABADIA, M. I. V. Nos Caminhos do Muquem: Romaria e Fé x Turismo e Lazer. In: ALMEIDA, M. G (Org.). **Paradigmas do Turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003.

DE MASI, D. **O Ócio criativo: Domenico De Mais: entrevista a Maria Serena Palieri**. rio de Janeiro : Sexante, 2000.

_____. **O futuro do trabalho: Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. **A economia do ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FARIAS, C. L.; BLANC, M.V. Juventude, religiosidade e o “tempo livre”: Formas de sociabilidades efetivadas por jovens universitários. In: SEMINÁRIO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – UFES, v. 1, n. 1, 2011. Espírito Santo. **Anais...** Espírito Santo, UFES, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/download/1559/1151> Acesso em 25/1/2015 às 15:35

FARIAS, M. F. **Turismo Religioso na Cidade da Santa: a percepção da comunidade sobre a construção do Complexo Turístico e Religioso Alto de Santa Rita, Santa Cruz/RN**. Natal, RN, Dissertação (Mestrado em Turismo) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.

FERNANDES, D. **Geografia da religião: um olhar sobre as espacialidades da juventude evangélica da Assembleia de Deus**. Curitiba, 2012. 130 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2012.

FERREIRA, C. L. **Trabalho, Tempo Livre e Lazer: uma reflexão sobre o uso do tempo da população brasileira**. 2010. 80 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Ponta Grossa. Curso de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Ponta Grossa, 2010.

GOMES, A. M. DE A. O pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, aproximações e contrastes. **Fides Reformata**, v. 7, n 2, 2002. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_VII_2002_2/Maspoli.pdf>. Acesso em 29 jan. 2015 às 21:56.

GOMES, C. O ócio como objeto de estudos: Notas introdutórias sobre conceitos e ocorrência histórica em nossa sociedade. **Cuadernos de ocio y sociedad**, v. 1, p. 23-40, 2007.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultural. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, R.; MENDONÇA, E. A.; PONTES, M. L. Como Representações Sociais e a Experiência da Doença. **Cad. Saúde Pública**, v.18, n.5, p. 1207-1214, 2002.

GOMES, C. L. Verbete Lazer: Concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.119-126.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Perspectiva: São Paulo, 2012.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo** – Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2003.

LAFARGUE, Paul. **O Direito a Preguiça**. Lisboa: Editorial Teorema. 1977.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça**. São Paulo: Editora Claridade, 2003.

LOHMANN, G.; NETTO, P. **Teoria do Turismo: Conceitos, Modelos e Sistemas**. Aleph: São Paulo, 2008.

MAIA, C. E. S. Ritual e emoção nas interações espaciais – repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos. In: ROSENDAHL, Z. (Org.). **Trilhas do Sagrado**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

MARCELLINO, N.C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

MARINHO, A.; PIMENTEL, G. G. A. Dos clássicos aos contemporâneos recebendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. In: PIMENTAL, G. G. A. (Org.). **Teorias do Lazer**. Maringá: Eduem, 2010.

MAX-NEEF, M.; ELIZALDE, A.; HOPENHAYN, M. Desarrollo a escala humana: una opción para el futuro. **Revista Development Dialogue**. Santiago, Chile/Uppsala, Suécia: CEPAAUR/Dag Hammarskjöld Foundation, 1986. Disponível em: http://www.daghammarskjold.se/wp-content/uploads/1986/08/86_especial.pdf. Acesso em: 13 fev. 2015.

MEDEIROS, E. B. **Lazer: Necessidade ou novidade?** Rio de Janeiro: Sesc, 1975.

MENDONÇA, A. G. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. **Revista USP**, São Paulo, n.74, p. 160-173, junho/agosto 2007.

_____. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

MESQUITA, W. A. B. M. Um pé no Reino e outro no Mundo: consumo e lazer entre pentecostais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 117-144, 2007.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUNNÉ, F. **Psicossociología del tiempo libre: un enfoque crítico**. México: Trillas, 1980.

OTTO, R. **Das Heilige: Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen**. München, Beck, 1979.

OLIVEIRA, H. C. M. de. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.135-161, ago./dez.2012.

OLIVEIRA, H. C. M.; SILVA, R. R.; PAULA, D. A. Entre o rural e o urbano: modos de vida no distrito de Cruzeiro dos Peixotos no município de Uberlândia (MG). In: SOARES, B. R.; OLIVEIRA, H. C. M.; MARRA, T. B. (Org.). **Ensaio geográficos**. Uberlândia: PET Geografia, 2006. p. 73-92.

OSORIO, Esperanza. La recreación en Colombia: un campo en construcción. In: GOMES, Christianne Luce; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila; ELIZALDE, Rodrigo. (Org.) **Lazer na América Latina: Tiempo libre, ocio y recreación en Latinomerica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 217 – 252.

OTTO, R. **Das Heilige: Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen**. München: Beck, 1979.

RIBEIRO, C. M. R. Turismo religioso: fé, consumo e mercado. **E-Revista Facitec**, v.5, n.1, ago-dez, 2010.

RICCI, M. T. **Ócio e a emancipação**. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/mteresaricci.htm. Acesso em: 29 out. 2014.

RIED, Andrés; LEIVA, Roberto; ELIZALDE, Rodrigo. El ocio y la recreación en Chile: una mirada desde la actualidad y la precariedad. In :GOMES, Christianne Luce; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila; ELIZALDE, Rodrigo. (Org.) **Lazer na América Latina: Tiempo libre, ocio y recreación en Latinomerica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p.181 - 216

RUSSELL, B. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

_____. **Elogio do lazer**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

SAHR, W.D.; GODOY, M. L. M. Em Contato com o Espaço do Além: Proposta para uma Geografia do Espiritismo. **Revista de Estudos da Religião**. p. 1-20, jun/2009.

SANTOS, M. Lazer popular e geração de emprego. In. SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo. SESC/WLRA, 2000.

SANTOS, M. G. M. P. Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica. In: ROSENDHAL, Z. (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

SCHAUFFERT, O. T. F. **A festa do Divino Espírito Santo em Penha – SC: Análise Turística e Antropológica dos Rituais de Preparação da Festa**. 2003. Dissertação (Mestrado em Hotelaria e Turismo) – Curso de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário de Camboriú, 2003.

SILVA, Carla Adriana Oliveira. **As festas históricas e religiosas de Luziânia/GO atuando no desenvolvimento do potencial turístico da cidade**. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

STEBBINS, R. A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.42-56, jan./abr. 2014.

STORNI, M. O. T.; ESTIMA L. F. L. A religião como produto de consumo: reflexões. CAOS – **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 15 , p. 15-28. 2010.

SUÁREZ, Silvana. Una aproximación a la representación social de la recreación en Argentina: aportes para resignificar el concepto. In: GOMES, Christianne Luce; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila; ELIZALDE, Rodrigo. (Org.) **Lazer na América Latina: Tiempo libre, ocio y recreación en Latinomerica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p.41 – 65.

TIMOTHY, D. ; OLSEN D. Review: Tourism, Religion, and Spiritual Journeys. **Annals of Tourism Research**, v. 34, n.. 2, p. 547–548, 2007

WOODHEAD, Linda. Gender differences in religious practice and signifiante. In: BECKFORD, J. A.; DEMERATH, J. **The sage handbook of the sociology of religion**. Los Angeles; London; New Delhi; Singapore: Sage, 2007. p.550-570.

XAVIER DE SOUZA, J. A. Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a romaria do Senhor do Bonfim em Natividade (TO). **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 32, n. 2, p. 219-238, 2012

YASOSHIMA, J. R.; OLIVEIRA, N. S. Antecedentes das viagens e do turismo. In. REJOWSKI, M. (Org.). **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

Endereço do Autor:

Luiz Fernando Roscoche
Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança
Faculdade de Educação
Alameda Leandro Ribeiro
Bragança – PA – 68.600-000
Endereço Eletrônico: luizfrs@hotmail.com